

UM POUCO DE MÚSICA

O ESTRANHO FIM DE PAGANINI

José da Veiga OLIVEIRA

Niccolò Paganini, prodígio sem paralelo na arte do violino, teve um fim trágico. Por estranho que pareça, é uma história geralmente omitida pelos biografos. Narrá-la em minúcias frias, desapaixonadas, é o propósito deste estudo, no ano em que se comemora o sesquicentenário da morte do virtuose diabólico.

Sem a mínima possibilidade de engano pode-se afirmar que Niccolò Paganini (1782-1840) foi o maior violinista/virtuose de todos os tempos.

De origem modesta, nasceu em Gênova. Demonstrando talento precoce na interpretação e na composição, principiou sua carreira em 1798, nas cidades de Lucca e Pisa. De um comerciante francês ganhou um excelente violino Guarnerius (Guarneri del Gesù), com o qual realizou intensivos exercícios técnicos diários; exercícios esses que lhe permitiram superar todas as dificuldades imagináveis. Entre 1805 e 1808, Paganini estagiou em Lucca, como solista da orquestra da corte. Excursionou por toda a Itália, para recitais e concertos com orquestra, derrotando fragorosamente os rivais. Em 1828 principiou a carreira internacional de Paganini em Viena, seguida de Londres, Berlim, Paris.

Ganhou fortunas imensas. Em 1834, após seis anos de ininterruptas viagens, Paganini adquiriu a Villa Gajona, vasta área próxima de Parma. Dotado de um temperamento extravagante e imprevisível em suas reações de humor, abandonou suas atividades de concertista sem prévio aviso. Tornou-se um recluso em sua propriedade campestre. Porém, dois anos mais tarde, em 1836, sua

incoercível paixão pelo jogo (e pelas mulheres também...) reconduziu-o a Paris, onde se fundara o Cassino Paganini, que fê-lo perder enormes somas na roleta e no pano verde, além de lhe devastar a pouco ilustre saúde.

Niccolò Paganini - conforme atestam numerosos desenhos, retratos, caricaturas - era magérrimo, esguio, ossudo, dotado de enormes mãos e dedos. Uma silhueta enigmática e sinistra. Não foi sem motivo que se dizia à sorrelha que Paganini tinha pacto com o demônio. Não se cuidava no trajar e no penteado, mantendo os cabelos em desordem, grenha hirsuta, as faces encovadas; proeminentes o queixo, as maçãs do rosto. Todavia, a simples presença do artista bastava para desencadear nos auditórios - exatamente como sucedia ao seu grande contemporâneo Franz Liszt um entusiasmo tumultuoso, por assim dizer histórico, tamanho era o magnetismo pessoal de ambos músicos.

Sua técnica seguríssima, estupenda, vigorosa, gigantesca nas duplas arcadas, alternadas com pizzicati da mão esquerda, o staccato, os harmônicos, o fulgurante domínio da sonoridade, sua tremenda mestria no improvisar e variar à primeira vista, suas composições, estruturadas num estilo de caráter inconfundivelmente pessoal, dimensionado num romantismo passional de ilimitada energia, - constituíram elementos que faziam delirar os auditórios, emudecendo de assombro os experimentados músicos profissionais, arrastados no torvelinho de inconcebíveis acrobacias, até então consideradas de impossível realização factual.

Como assinalou o eminente musicólogo português Fernando Lopes-Graça, "Há uma virtuosidade adjetiva e uma virtuosidade substantiva: aquela é a virtuosidade romântica, a virtuosidade dos virtuosos, numa palavra: o virtuosismo, que é a virtuosidade considerada não como meio, mas como fim; a outra é a virtuosidade, simplesmente, que consiste também, sem dúvida, na perícia técnica, mas já não existente por ela e para ela mesma, senão que posta ao serviço da obra e consubstancial a ela. A segunda é modesta e apaga-se ante a obra; a primeira é exibicionista e sobrepõe-se-lhe".

É óbvio para um auditor experiente que toda a fenomenal pirotécnica, as vertiginosas e insinuantes progressões melódicas dos Concertos, Variações, Caprichos de Paganini não conseguem ocultar a vacuidade prepóstera de um nível inspiracional provido de superficialidade trivial e decorativa. Entretanto, por um curioso e inédito fenómeno de apropriação temática, foram diversos compositores atraídos pela espontaneidade comunicativa de temas e motivos dos *Capricci* para violino desacompanhado, em especial o de número 24, em Lá menor. Schumann, Liszt, Brahms, Rachmaninov, Lutoslawski, Andrew Lloyd Webber teceram magníficas variações e rapsódias sobre o mais célebre de todos os "Caprichos".

Em Paris, a saúde principiou a declinar. A tuberculose afetou-lhe a laringe. Ficou mais e mais taciturno. Para todo alimento contentava-se com um

prato de sopa ou uma chávena de chá de camomila. Tendo ao lado o seu precioso Stradivarius posto no conveniente estojo, permanecia horas interminas num sofá, mudo, silencioso, entregue a meditações modorrentas. A ninguém partilhava os mil segredos de sua arte extraordinária.

Sua vida, despedaçada em orgias, trouxe-lhe a sífilis. Ademais, teve a infeliz e desastrada idéia de aconselhar-se com um charlatão de Praga, que o induziu a extrair os dentes!

Sua aparência esquelética, macilenta, tornou-se ainda mais repulsiva. Era o fantasma de um homem cujo cartão de visita mencionava:

“Baron Niccolò Paganini, Commandeur et Chevalier à plusieurs Ordres”...

Da capital francesa foi removido sucessivamente para Gênova, sua cidade natal e para Nice, na Riviera. No meio da noite que precedeu o passamento, de forma surpreendente e inesperada, Paganini tomou do violino com mão trêmula e tocou por mais de uma hora, sem interromper-se. Era o adeus ao instrumento que fora a razão de sua existência, de sua arte legendária, da celebridade universal. Seu amigo, Conde de Cessole, testemunha presencial, declarou mais tarde que a vasta improvisação “in articulo mortis” foi a música mais sublime, patética, impressionante de toda sua existência.

Paganini agonizou torturado por tremendos espasmos de tosse, dores lancinantes, hemoptises, apavorantes estertores. Expirou a 27 de maio de 1840.

A seqüência macabra, hedionda, horripilante que se vai ler parece egressa de uma novela de horror surrealista. Nada disso. Foram episódios verdadeiros, e nunca frutos de imaginações alucinatórias ou teratológicas.

Dias após, foi o corpo embalsamado, revestido de sobrecasaca. Um comerciante de objetos usados apresentou-se ao Conde de Cessole - nomeado testamenteiro pelo Barão Achille Cyrus Alexander Paganini, filho ilegítimo do compositor com a dançarina Antonia Bianchi - para oferecer-lhe a respeitável soma de 30.000 francos, caso pudesse exibir o corpo de Paganini na Inglaterra!!!

Entrementes as autoridades da Igreja Católica insurgiram-se contra o sepultamento nos cemitérios, então administrados pelo clero, sob o fundamento de que Paganini não morrera cristãmente, confortado pelos sacramentos da absolvição plenária e extrema-unção. Ao contrário, foi um pagão, réprobo e cínico, que sempre timbrou em levar vida notoriamente ímpia, dissoluta. Recusado o solene benefício da campa, o féretro foi removido para o velório de um leprosário, o Lazaretto de Villefranche, onde permaneciam de quarentena todos quanto chegavam por mar.

Os restos mortais do compositor lá permaneceram durante um mês. Tamanhos foram os protestos ante o odor nauseabundo de putrefacção, que tornou-se necessária outra remoção, sendo o corpo sepultado num terreno adja-

cente ao leprosário. Outras queixas não se fizeram aguardar; e o Conde de Cessole interveio. O novo enterro ocorreu na calada da noite(!), ao pé de uma torre circular sarracena, propriedade de um amigo do Conde. Devido ao açodamento, o serviço resultou incompleto, porquanto o caixão foi lançado próximo de um fétido córrego, que recebia a escória de uma fábrica de azeite. Um ano mais tarde, o Barão Achillino decidiu conduzir para Gênova o corpo do pai. Foi impedido por um surto de cólera em Marselha, quando ia ser embarcado, e o projeto ficou sem efeito. Foi então enterrado na Ilha St. Ferréol, numa vala que passou a denominar-se "Fossa de Paganini"...

Em 1844, a Duquesa de Parma, Marie Louise, viúva de Napoleão Bonaparte, permitiu a colocação do féretro em seus domínios. Como o sepultamento cristão fosse mais uma vez recusado, o caixão seguiu, em primeiro lugar, para Villa Polevra, outra propriedade de Paganini; em seguida, para Villa Gajona, pertencente ao Barão Achillino. Lá ficou até 1853, quando foi novamente exumado e embalsamado.

Em 1876, graças à diplomacia do Barão Achillino, a Igreja permitiu a celebração de um officio fúnebre in memoriam do compositor, na Igreja da Madonna della Steccata, da Ordem dos Cavaleiros de São Jorge, à qual Paganini pertenceu.

Nem aí parou a macabra história! Em 1893, o violinista tcheco Odrizcék convenceu o Barão Achillino a mandar abrir o esquife, a fim de que pudesse ver o corpo!!! Com que fim, é o caso de indagar...

Finalmente em 1896, sob uma alegada e suposta "necessidade urgente" (!?), mais uma vez as autoridades determinaram a abertura do caixão. Verificou-se que, apesar do pavoroso estado de decomposição cadavérica, os traços de Paganini ainda eram reconhecíveis. Entretanto, a casaca estava em frangalhos. As partes inferiores do corpo eram um feixe disforme de ossos.

Cinquenta e seis anos se escoaram desde que Niccolò Paganini, violinista genial e diabólico, cerrou os olhos para sempre, após uma existência tumultuária, pontilhada de eventos fantásticos, próprios de um século que privilegiou o romanesco, a ficção, o tétrico, os feitos heróicos e fantasmagóricos, a imaginação desmarcada e cínica.

REFERÊNCIAS

- Sacheverell Sitwell, Liszt, New York, Dover, 1967, págs. 116-124; Mário de Andrade, Dicionário Musical Brasileiro, São Paulo, 1989, pág. 563; Nicolas Slonimsky, Baker's Biographical Dictionary of Musicians, 7ª Ed., New York, Schirmer, 1984, págs. 1705-6; Karl Geiringer, Musical Instruments - Their History in Western Culture from the Stone Age to the Present Day, London, Allen & Unwin, 1949, pág. 239; Fernando Lopes-Graça, Reflexões sobre a Música, Lisboa, Seara Nova, 1941, pág. 64.